



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

O sinal das caliandras

As mudanças climáticas já afetaram a floração dos ipês. Nos últimos anos, eles floresceram de maneira irregular. Em alguns lugares, em ritmo desigual; em outros, somente uma árvore deu o ar de sua graça; em um terceiro, apareceram, mas sem o viço de antigamente e, parece, entraram em declínio.

E, mesmo os cambuí, muito mais

robustos, estão demorando a florar. Por isso, fiquei preocupado com a situação das duas caliandras que cultivo no quintal: uma vermelha e outra rosa. Nos últimos tempos, eles me proporcionaram instantes de alegria salvadora em meio a tempos muito estranhos.

Na infância e adolescência, andei muito pelo Cerrado e sempre ficava impressionado com a beleza extraordinária da caliandra, que não tem medo do esplendor. Parece concentrar a resistência e a singularidade do cerrado. Ana Miranda chama a caliandra de flor extraterrestre.

É isso mesmo, parece uma flor colhida em um jardim de algum planeta de

outras galáxias transplantada para o Cerrado mais bravo. Em minhas andanças, de vez em quando, em um átomo, topava com uma caliandra, solitária e ativa no meio do descampado, misturada à vegetação agreste.

Ela esplende com tamanha fulguração que dá a impressão de ser uma flor de fogo. Por aqui, o fogo se incorporou ao ciclo da vida de muitas plantas da região. É como se a caliandra fosse um incêndio do cerrado que se transformou em flor. De longe, ela parece uma flor de fogo; mas, de perto, tem a delicadeza trêmula da penugem de um pássaro. Na minha insciência, eu imaginava que fosse

rebelde e refratária aos jardins domésticos. Nada disso, ela se adapta muito bem.

Quando descobri, comprei uma caliandra vermelha e outra rosa, e plantei no quintal. Acordo cedo, pois faço tai chi chuan todos os dias, religiosamente ou marcialmente, às 6 da manhã. Estava em dúvida sobre cinco temas para escrever. É a pior situação para o cronista. Fui até a porta de vidro da sala para ver a auro-ra brasileira despontar e levei um susto.

Olhava com atenção para me certificar se eu havia mesmo acordado ou estava sonhando. Plantamos uma caliandra rosa no quintal. Na terça, havia uma meia-dúzia de flores mirradas. Mas, ao

raiar do dia, cheguei até a porta e me deparei com uns 40 botões de caliandras, com suas agulhas delicadas.

Pedimos para podar as duas caliandras, elas demoraram a ostentar a floração e eu estava desencantado e resignado. No entanto, para minha surpresa, elas voltaram a esplender. Trump continua a fazer patéticos, os falsos patriotas batem continência para a bandeira americana, a máquina de mentiras dissemina falsidades para enganar os incautos, o aquecimento global avança e as excelências fazem campanha para as eleições prometendo soltar os golpistas, mas eu ainda tenho a beleza das caliandras.



» Entrevista | MANOEL ARRUDA | PRESIDENTE DO UNIÃO BRASIL-DF

Ao *CB.Poder*, o presidente do União Brasil-DF, Manoel Arruda, destaca importância da aliança com o Partido Progressista. “A federação será a legenda com maior número de mulheres. Isso é mais uma vitória da nossa governadora”, ressalta

“Sob a liderança da Celina Leão”

» GABRIELA CIDADE*

O Esquenta CB.Poder Eleições 2026, programa parceria entre TV Brasília e *Correio Braziliense* entrevistou, ontem, Manoel Arruda, presidente do União Brasil-DF. Aos jornalistas Ana Maria Campos e Carlos Alexandre de Souza, ele falou sobre a Federação União Progressista, que reúne União Brasil e PP, e avaliou que essa aliança reúne a nominata mais equilibrada e competitiva nestas eleições. Ele também afirmou que não está decidido se a federação irá liberar ou não os candidatos a deputado distrital e federal a apoiarem quem preferirem para as eleições presidenciais.

Estamos quase no início da campanha oficial. Vocês fizeram no domingo a convenção da Federação União Progressista. O que ficou definido em relação ao seu partido, o União Brasil?)

Foi nosso momento de festa, onde confirmamos a candidatura da nossa governadora Celina Leão e também dos nossos pré-candidatos a deputado distrital e federal. Agora, reunir as indicações dos partidos que serão nossos aliados para fechar em definitivo até amanhã (hoje) essa coligação que deve ser, eu espero, a grande vitória no dia 4 de outubro.

O senhor afirma que essa nominata é equilibrada e competitiva. Por quê?

Hoje, o União Brasil está federado com o Partido Progressista, então, estamos funcionando como um partido só. Com a montagem da nominata, a escolha dos nomes para fazer parte como candidatos,

Davi Pereira/CB/D.A Press



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista completa

eu enxergo como a mais equilibrada porque temos vários candidatos com potencial para poder desempenhar. Teremos quatro mulheres candidatas (a deputada federal); provavelmente, a federação será a legenda com maior número de mulheres. Isso é mais uma vitória da nossa governadora Celina Leão.

O União Brasil manteve conversas de lançar um candidato ao Senado e cogitou o nome de Sandro Avelar. Isso ficou pelo caminho, por

causa da aliança construída em torno da candidatura da governadora Celina Leão?

O Sandro é um grande quadro que temos dentro do União Brasil; inclusive, foi presidente de grandes partidos. Foi secretário de Segurança em duas oportunidades, uma, inclusive, em momento de muita sensibilidade aqui em Brasília, foi diretor da Polícia Federal. Quer dizer, tem muita experiência. E, neste momento, a gente coloca os nomes à disposição, com muito diálogo e conversa, mas sempre sob a liderança da Celina Leão, para que a gente esteja no melhor cenário para vitória de todos. Sandro foi apresentado como nome, mas essa definição de majoritária sempre parte da

liderança da majoritária, no caso, a governadora.

A construção dessa coligação contempla o PP com candidata a governadora, o Republicanos como vice, o PL tem duas candidaturas ao Senado, que é a Michelle Bolsonaro e a Bia Kicis. E o União Brasil não tem indicação de suplentes? Vai se concentrar mais na eleição de deputados?

Como estamos em Federação, a nossa governadora é representante hoje da legenda, e realmente nosso foco é a eleição de deputados federais. Acredito, em relação a chapa de Senado, — lógico que essa indicação parte do PL —, mas acho que é importante o diálogo com esses

partidos que fazem parte dessa grande aliança — são quase 12 partidos — pois acredito que as suplências podem ser discutidas, inclusive com os outros que fazem parte.

Celina Leão construiu uma frente ampla. Doze partidos, o senhor citou. Sobrou pouco para os adversários.

A Celina tem essa capacidade, já são quatro mandatos, ela tem esse poder de articulação muito grande. Eleição se ganha nesse conjunto de alianças. Isso não define eleição, mas ajuda muito, por conta da estrutura de campanha, número de candidatos que cada legenda vai lançar. Cada legenda tem 25 candidatos. Só aí, a gente tem mais de 250. São 250 candidatos que vão

trabalhar em prol da eleição da governadora Celina, fora os federais.

No caso de ficar decidido realmente a neutralidade da eleição presidencial (na federação), como a União vai tratar as candidaturas presidenciais aqui? Vão apoiar alguém do campo de vocês ou vão liberar os seus candidatos a apoiar quem eles preferirem?

Ainda não houve essa discussão. Acho que é importante colocarmos em discussão, até para que os candidatos avaliem e coloquem seu ponto de vista quanto ao posicionamento, mas, a princípio, se houver uma orientação da nacional pela neutralidade, vamos liberar os candidatos a apoiarem aqueles com os quais mais se identificam.

Então, provavelmente a gente deve ver ou não deve ver um candidato da federação no palanque seja de Lula ou de Flávio ou de Caiado, conforme a tendência.

A governadora Celina, a quem me parece, apoiará o Flávio Bolsonaro, até mesmo por conta da composição da coligação. O que eu digo é em relação aos candidatos a deputado distrital e federal.

Se estiver liberado, cada um pode subir no palanque que quiser, se vocês definirem assim?

Provavelmente, mas é o que eu falo, a minha ideia, vontade e desejo era que a União tivesse um candidato, mas como não foi possível, temos que discutir e colocar esse tema para que os candidatos apresentem seu posicionamento.

***Estagiária sob a supervisão de Malcia Afonso**

Cobertura das eleições em debate

» MILA FERREIRA

Os jornalistas do *Correio Braziliense* receberam, na tarde de ontem, um conjunto de orientações sobre legislação eleitoral para a cobertura da disputa nas urnas de 2026. Estagiários, repórteres, colunistas, editores e executivos se reuniram no auditório do jornal para a capacitação. O presidente da Comissão de Direito Eleitoral da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), Miguel Fiod; a vice-presidente da comissão, Priscilla Sodré; e o coordenador-geral da Academia Brasileira de Direito Eleitoral (Abradep), Sidney Neves, conversaram com os jornalistas sobre temas relevantes como deep fakes e inteligência artificial no pleito. Os especialistas tiraram dúvidas sobre a cobertura do processo eleitoral

em busca de uma cobertura mais precisa e responsável.

Miguel Fiod comentou sobre a diferença entre a cobertura feita pela imprensa e a propaganda dos candidatos. “A atividade jornalística está protegida pela Constituição e não tem a ver com propaganda eleitoral. Até mesmo a opinião do veículo na imprensa inscrita é absolutamente lícita, não há vedação, desde que não seja matéria paga”, destacou. “Informar é diferente de promover”, reforçou.

Coordenador-geral da Abradep, Sidney Neves ressaltou a necessidade de uma cobertura jornalística com isonomia e ética, como o *Correio* sempre se pautou. “É preciso tato e cuidado, sem exageros. O que impera é proporcionalidade (entre os candidatos), razoabilidade e bom senso”, afirmou.

Davi Pereira/CB/D.A Press



Miguel Fiod, Priscilla Sodré e Sidney Neves conduziram o treinamento no auditório do Correio

Inteligência artificial

O treinamento focou na nova resolução do TSE, que proíbe a divulgação de deep fakes, isto é, conteúdos audiovisuais ultra-realistas gerados completamente por

inteligência artificial (IA). As penas podem chegar até R\$ 30 mil e, dependendo do caso, pode haver a cassação do registro do candidato. Com relação às pesquisas, Sidney Neves afirmou que “a divulgação tem que seguir rigorosamente

o que diz o tribunal, sobre o pedido prévio de registro, entre outras coisas”.

A primeira resolução do TSE que trouxe o conceito de inteligência artificial e deep fake foi em 2024, mas, à época, não houve

eleições no DF. Uma nova regra foi divulgada em 2026, quando o tribunal alterou uma resolução existente para disciplinar a propaganda eleitoral e o combate à desinformação. A nova norma veda a utilização de conteúdos gerados ou manipulados por IA que criem, substituam ou alterem a imagem ou a voz de pessoas para favorecer ou prejudicar candidaturas. “A inteligência artificial está cada vez mais sofisticada, é preciso ficar atento”, alertou Priscilla Sodré.

A vice-presidente da comissão lembrou a nova determinação do TSE, de março deste ano, que proíbe as plataformas de inteligência artificial de fazer ranqueamento de candidatos. “O ChatGPT, por exemplo, não pode fornecer sugestão de candidato com base nas preferências do eleitor”, explicou Priscilla.



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja vídeo da capacitação